A turminha do algodão doce - novela em duas partes

Ronaldo Pequeno

“When there's no more room in hell, the dead will walk the Earth.”

-

Dawn of the dead, 1978

Parte 1 – As crônicas de Vitória e a vingança de Carina.

1.

- Todo mundo adora um homem branco e magro. – sussurrou Wilhelm, sabendo que ninguém iria escutá-lo pois não passava de um negro gordo. O pensamento viera ao ver o Corvo, sujeito adorado por todos e que Wilhelm tinha certeza que não seria tão adorado assim se não fosse por seu corpo totalmente dentro dos padrões. Sentado no banco da praça, sentindo-se deslocado como sempre, Wilhelm não entendia porque insistia em continuar indo aos rolês com a turminha do algodão doce, já que a única coisa que fazia era ocupar espaço, consumir os cigarros alheios e de vez em quando ouvir as bobagens que aquelas pessoas diziam.

O Corvo, não era esse o seu nome verdadeiro mas um apelido que ele deu a si mesmo por causa daquele filme com o Brandon Lee, já se sentia mais do que chapado e bebia do gargalo de uma garrafa de uísque furtada do supermercado, ele e seu amigo Roberto costumavam fazer isso e, segundo Wilhelm, nunca eram alvos de qualquer suspeita

simplesmente por serem brancos. Wilhelm olhava para o corpo magro do Corvo caindo no chão num ato de êxtase diante da sensação que as drogas o faziam sentir, coisa que Wilhelm adoraria fazer se tivesse o espírito inconsequente do Corvo, sempre se considerou uma pessoa prudente demais e nunca teve coragem de ir além de seus limites, coisa que o Corvo parecia fazer o tempo todo. Sem falar que Wilhelm sentia dentro de si que ninguém admiraria sua ousadia da forma como admiravam a do Corvo, pois como novamente dizia a si, um magro inconsequente é descolado, já se fosse um gordo seria motivo de riso. As pessoas riam das viagens que o Corvo pegava, ele gargalhava e gritava que pra completar a noite só faltava um doce, Wilhelm preferia se abster daquele espetáculo e sentiu uma imensa vontade de fumar. É verdade que Wilhelm havia prometido a sua mãe que largaria o cigarro, mas aquela estava sendo uma noite tão patética que não teve como evitar, pediu a sua amiga Setembrina um cigarro, ela não respondeu pois estava distraída ouvindo as poesias de Franklin, outro branco e magro que Wilhelm tinha certeza que só era aceito socialmente devido a uma questão de privilégios. Wilhelm odiava ter que

bancar o inconveniente, não queria interromper aquele lindo momento entre eles que parecia ser bem mais importante que qualquer necessidade sua, mas não havia outra coisa que se pudesse fazer, Wilhelm cutucou sua amiga até que ela pedisse licença a Franklin e se virasse para Wilhelm dizendo:

- O que foi?

- Me dá um cigarro.

- Pega esse dinheiro e vai comprar pra gente.

- Ai, eu não vou. Não vou me levantar daqui pra nada, tô morto de cansado e sem um pingo de saco pra me levantar.

- Bora, faz um exerciciozinho.

- Gordo não faz exercício.

- Quer o cigarro ou não quer?

- Não faz pressão psicológica em mim!

- Tá bom, eu vou comprar! Me espera só um minuto, Franklin, vou ali comprar cigarro pra gente.

Setembrina se levantou, Wilhelm se sentiu bastante culpado por ter irritado sua amiga,

imaginou que não devia ter interrompido o precioso momento que ela compartilhava com alguém que sem dúvida era bem mais interessante que ele. Enquanto Setembrina caminhava até a banca para comprar os cigarros, Franklin começou a falar para Wilhelm sobre o poema que estava recitando até pouco atrás, assunto esse que não era minimamente interessante para Wilhelm mas que ainda assim não o fez demonstrar isso abertamente, levando-o a fingir que queria ouvir sobre aquele assunto, talvez por uma questão de cortesia, mas mais por não saber o que fazer numa situação assim, deixando Franklin falar o que tivesse que falar e fazendo o possível para parecer entusiasmado com o que lhe era dito. Mas aquilo não lhe fazia bem, pelo contrário, o esforço que fazia só o levou a ficar cada vez mais irritado por dentro, temendo que acabasse sendo grosseiro com alguém, o que podia fazer com que as pessoas se afastassem dele mais do que naturalmente se afastariam. Decidiu olhar para algo ao redor de si para se distrair, mesmo que as incessantes palavras de Franklin continuassem jorrando ao seu lado a todo momento, avistou Setembrina voltando com os cigarros, viu logo ao lado no chão o Corvo deitado no colo de Cacau,

provavelmente sendo consolado devido a algum sentimento ruim que o dominara, ou como o próprio Corvo preferia chamar, uma bad. Setembrina tirou três cigarros da carteira, guardou na bolsa e torceu para que ninguém mais visse, sabia que se alguém da turminha visse os cigarros acabaria avisando aos outros, secando todo o seu estoque, e ela não estava muito afim de pagar por mais uma carteira.

Wilhelm agradeceu, pediu por um isqueiro mas teve que esperar que o cigarro de Franklin fosse aceso primeiro. Setembrina pôs o cigarro na boca, aproximou seu rosto do de Franklin e acendeu seu cigarro com a chama do cigarro aceso na boca de Franklin. Cada um soprava fumaça na cara do outro, Wilhelm tentou não olhar para a cena para não se sentir mais constrangido do que já estava, acendendo seu cigarro e tragando-o com força, agradecendo por aquela fumaça penetrar em seu corpo, mesmo que sua garganta ardesse, tragava, puxava fundo pois só aquilo tornaria aquele momento suportável, mesmo que de forma bastante breve.

Carina, pessoa com quem Wilhelm simpatizava muito por ser gorda e só sendo gordo para entender os problemas de gordo,

decidiu se afastar do resto da turminha do algodão doce por um instante e veio para perto de Wilhelm, pedindo por um cigarro. Wilhelm não teve coragem de incomodar Setembrina para pedir por outro cigarro, por isso ofereceu um trago do seu. Carina agradeceu, deu duas tragadas e devolveu o cigarro. Wilhelm imaginou que após ter o que queria, Carina voltaria para perto de seus amigos, pois não havia nada que ela pudesse se interessar ali com ele, e talvez fosse exatamente isso que Carina planejasse fazer após pedir por um cigarro a Wilhelm, mas não foi o que aconteceu. Carina pediu para que Wilhelm desse um lugar para ela se sentar, ação essa que ele fez com muito gosto por mais trabalhoso que fosse se mexer daquele assento. Ele achou que ela só queria um lugar confortável para se sentar, mas assim que ela chegou perto dele, Carina perguntou como ele estava. Wilhelm sempre respondia que estava bem quando o faziam essa pergunta, sabia que ninguém estava realmente interessado em saber como ele estava, por isso dava a resposta mais breve possível para encerrar o assunto de vez, sabia que se desse uma resposta sincera só iria entediar quem o ouvisse.

- Eu tô ótimo. E você?

- Fala sério. Como você tá? – disse Carina.

Wilhelm não sabia o que responder, passou um tempo sem saber o que Carina queria que ele dissesse, mas depois resolveu dizer o que queria gritar:

- Tá um tédio! Não sei porque continuam me chamando pra essas saídas se sempre fico deslocado.

Carina pegou em seu ombro como resposta. Normalmente, Wilhelm diria que esse era um sinal de piedade, mas não era o que ela transmitia, parecia que ela sabia exatamente do que ele estava falando.

- Eles podem ser bem chatos às vezes. – disse Carina. – Mas ainda assim é melhor que ficar em casa. Quer que eu te pague um vinho?

- Adoraria. – disse Wilhelm.

Ela se levantou, segurou na mão de Wilhelm e o levou até a banca onde compraram o vinho, beberam escondido dos outros e conversaram, falando de si, da vida, do mundo, mas principalmente, da turminha do algodão doce.

2.

Ninguém sabe exatamente quando eles passaram a ser chamados assim, mas a verdade é que a turminha do algodão doce adorou o nome, principalmente por causa da palavra “doce”. Eram o Corvo, Roberto e Joe, os três sempre unidos, logo atrás vinham Vitória, Nara e Nilson, depois Carina, Cacau e Kauane, e por fim, Wilhelm e Setembrina, que nem se consideravam parte do grupo mas seguiam a manada por não terem nada melhor para fazer.

Enquanto conversavam e dividiam uma garrafa de vinho, Carina e Wilhelm falaram pela primeira vez de forma sincera um com o outro, não apenas sobre si mas sobre a estima para com o outro que tinham até antes daquele momento.

- Eu te acho legal. – disse Carina.

- Obrigado.

- Você parece legal, mas sempre tive vergonha de falar contigo.

- Obrigado. Eu também tenho vergonha de falar com as pessoas.

- Você gosta mesmo de ser amigo da Setembrina? Acho ela tão estranha...

- A Setembrina é a única que vê a pessoa horrível que eu sou.

- Você não é horrível, você é legal.

- Diz isso porque não me conhece.

Carina decidiu mudar de assunto, não queria estragar aquele momento com receios, se Wilhelm fosse mais um escroto em sua vida, isso ela teria que descobrir sozinha. O vinho estava acabando, Wilhelm e Carina decidiram se aproximar do resto da turminha e dizer o que achavam de cada um. Perceberam que não gostavam realmente de ninguém ali e que só frequentavam os mesmos lugares que aquelas pessoas por causa dos entorpecentes e nunca pelas companhias.

- A gente é muito falso. – concluiu Carina.

- Falsidade é uma coisa fantástica! Eu queria ser era mais falso, eu ia ganhar tanta coisa! – respondeu Wilhelm.

Pensaram em oferecer um pouco do vinho aos outros, mas não, eles não mereciam. Foi então que perceberam que guardavam uma mágoa profunda de cada pessoa ali.

- O que eles fizeram a você? – perguntou Carina.

Wilhelm se lembrou de várias coisas, mas só teve coragem de dizer a mais leve delas.

- Um dia eu fiquei embriagado e a Vitória começou a rir de mim, eu estava bêbado quase a ponto de desmaiar e por alguma razão ela se sentiu no direito de se aproveitar da minha fraqueza e esbofetear meu rosto.

- Por que ela fez isso?

- Porque ela é patética! Branca e magra, lógico que ela vai se achar melhor que o gordo preto. Ela acha que não lembro, mas é que eu fico bem caladinho e sempre sorrio pra ela nos cantos.

- A gente podia se vingar dela.

- Vingança? Isso é coisa de escorpiano, adorei!

- Sim... pior que não é só ela que merece.

- De quem mais você quer se vingar?

Carina sentiu um aperto, cruzou os braços e baixou a cabeça, abriu a boca mas nada saiu de lá de dentro, talvez tivesse havido algum congestionamento de palavras no caminho, por isso as únicas que saíram foram:

- Ninguém em especial. É só que eles são chatos.

- Pra mim eles são mais que chatos, eles são nojentos, já ouvi tanta história cabulosa deles.

Wilhelm começou a falar, Carina tentou acreditar que ele estava satisfeito com a resposta que ela havia dado. Num dado momento, ele apontou para Franklin e Setembrina, explicando a deplorável situação que existia entre eles.

- Tá vendo aqueles dois? São amiguinhos quando sóbrios mas vivem se pegando quando bebem e toda a vida ele diz que não rolou nada de mais enquanto ela fica morta de apaixonada, chorando pra mim que odeia o fato dele só ficar com ela quando tá bêbado.

- Quem é aquele garoto? Ele é tão bonito!

- Lógico que ele é bonito, branco e magro sempre é bonito.

- Desculpe, eu não queria atingir você.

- Tá tudo bem, já tô acostumado. O nome dele é Franklin, ele escreve uns poemas bosta pra cada menina que ele transa.

- Acho que já vi a cara dele por aí.

- Ele toca numa banda.

- Ai, acho tão bonito quem toca em banda!

- Como falei, branco e mag...

- Desculpa, desculpa, desculpa. – Carina segurou no braço de Wilhelm, apertando-o e fazendo carinho. – Sério, eu não falo por mal, não sabia que você era tão inseguro quanto a essas coisas.

- Lógico que sou inseguro, olha pro meu corpo! Tá tudo bem, eu te desculpo se você me comprar um cigarro.

Enquanto fumavam, Carina e Wilhelm repensavam se apesar de ser um poeta chato, Franklin já havia dado algum motivo para magoar diretamente um dos dois.

- Ele magoa muito a Setembrina. – disse Wilhelm.

- Mas nunca fez algo diretamente a você?

- Não, nunca fez nada a mim, mas não é como se ele ligasse para a minha existência pra isso. Pior que eu até gostei dele ter magoado a Setembrina porque eu vivia avisando a ela que aquele guri era babaca, e eu amo estar certo no fim das contas.

- Nossa... Que patético da sua parte!

- Eu sei, não te falei que não sou nada legal?

Olhando ao redor, viram o Corvo e Roberto se levantando, avisando aos outros que iam ao mangueiral comprar mais maconha, pedindo a cada um que contribuísse com o que pudesse. Wilhelm olhou para eles com indiferença, poderiam morrer ali mesmo e isso não afetaria sua vida, enquanto Carina desviava o olhar para não encarar diretamente nos olhos do Corvo.

Passaram um tempo sem falar nada, Wilhelm já se sentia confortável o bastante para começar a falar de vídeo games, não que Carina estivesse interessada, mas sua cabeça

estava tão abarrotada que fez o máximo para acompanhar a jornada virtual que seu amigo contava.

À noite, enquanto uns transavam e outros dormiam, Carina voltava para casa pensando na conversa que tivera com Wilhelm. Deitou-se na cama, o peito ainda apertado, não sentia que entorpecente algum havia feito qualquer efeito em seu corpo, infelizmente sua cabeça não girava, estava sóbria e sem um pingo de sono, normalmente conseguia dormir bem quando chapava, mas não naquela noite. Pensou em voltar a tomar os remedinhos para dormir, mas acabou pensando em algo melhor para fazer.

Wilhelm dormia como nunca, adorava dormir chapado, sentia que essa era a única utilidade da turminha do algodão doce em sua vida. Pensou um pouco em Carina, gostou de ter conhecido ela melhor, mas imaginou que aquela amizade não fosse durar muito, uma hora ela encontraria pessoas mais interessantes para conversar. Setembrina o telefonou, começou a falar não só de Franklin, mas de outros brancos magros que ela adorava e que ela queria muito se relacionar sexualmente, não que Wilhelm sentisse ciúme,

definitivamente Setembrina não fazia o seu tipo, é só que ele estava cansado de sempre os brancos magros serem considerados os mais bonitos. Mas o que ele podia fazer a respeito?

Um dia perguntaram a Wilhelm quem ele preferia, Martin Luther King ou Malcolm X.

- Malcolm X, sem dúvida. Porra de pacifismo, vê se um branco é pacifista com a gente, o negócio é ir pra luta.

Por alguma razão Wilhelm se lembrou disso e alguma coisa o fez sentir que aquele parecia o momento apropriado para pensar naquilo.

3.

A turminha do algodão doce não era um grupo de pessoas em que todas eram amigas entre si, era mais um aglomerado de gente que costumava frequentar os mesmo lugares, pequenos grupos de duas a três pessoas que só se juntavam para se drogar. Geralmente, as drogas que a turma inteira tomava quando todos estavam juntos era álcool, cigarro e maconha. LSD, por ser um pouquinho mais difícil de conseguir, já era uma substância

usada por grupos bem mais seletos, Wilhelm por exemplo só experimentara o famigerado doce uma única vez na vida quando teve a sorte de encontrar o Corvo e Roberto bem dopados numa festa de reggae no Bom Jardim, na verdade toda vez que Wilhelm os encontrava parecia que era apenas por uma questão de sorte, a única pessoa que o convidava a esses rolês era Setembrina, e ainda que ela o convidasse, sempre era para ele ficar deslocado.

Mas uma pessoa que ainda não se decidira completamente em relação a seus sentimentos diante da turminha do algodão doce era Vitória. Não se lembrava de quando começou a andar com eles, imaginou que fosse por influência de Nara Avelino, a pessoa que a convidava para esses cantos, e percebeu que só dirigia diretamente a palavra a Nara, falando com os outros do grupo apenas quando fosse estritamente necessário. Lembrou-se da vez em que se divertira com o patético estado de Wilhelm, bêbado e sujo como um porco, sem conseguir nem se manter de pé, e num ato de pura vileza, Vitória bateu em seu rosto, não pensou muito nas razões de fazer aquilo, simplesmente sentiu uma ânsia em aproveitar a oportunidade de lançar sua mão espalmada

em seu rosto bochechudo, deixando uma marca vermelha, levando Vitória a rir e a repetir o ato até que Nara a segurasse dizendo que parasse com aquilo. Vitória imaginou que Wilhelm jamais fosse se lembrar disso, e de fato o assunto nunca foi mencionado quando se cumprimentaram por aí nos tempos seguintes.

Neste momento, Vitória está sentada em seu quarto pensando se Wilhelm nunca havia realmente se lembrado de ter levado aquele bofete, se de manhã ele não havia sentido um estranho ardor em seu rosto, se ninguém o contou do ocorrido, não que as pessoas se importassem o bastante com Wilhelm para lhe contar uma coisa dessas, mas Vitória cismou que talvez Wilhelm pudesse não se lembrar claramente, mas ainda assim ele podia não ser tão estúpido quanto parecia para ignorar completamente a humilhação que sofreu. Então, uma retrospectiva dos momentos em que Vitória cumprimentou Wilhelm pela rua após o ocorrido passou pela sua cabeça, ele sempre era bastante cortês, apertava em sua mão e sorria, às vezes até perguntando se estava tudo bem, mas logicamente isso não passava do fino véu da formalidade que Wilhelm mantinha ao redor de si para não ter

que revelar o que realmente achava das pessoas, Vitória imaginou essa possibilidade, tentou lembrar se antes do ocorrido ele já a cumprimentava assim. Antes do bofete, Wilhelm nem mesmo notava sua existência, não havia razão em se cumprimentarem, foi só após aquela bebedeira que passaram a se falar na rua, mesmo que da forma mais rápida e formal possível. Foi então que Vitória imaginou que Wilhelm passou a cumprimentá-la justamente por causa do ocorrido, porque ele havia se lembrado do que ela lhe fez e jamais esqueceria, planejando dar o troco um dia, que um ódio havia se acumulado dentro dele e que toda vez que ele apertava em sua mão era na esperança de um dia quebrá-la em pedaços. E nada disso era culpa dele, continuou Vitória, nada, tratava-se apenas de um retorno, uma consequência natural das coisas, Vitória teria que encarar isso um dia, não era a primeira vez que se deixara levar por seu sadismo.

Sentiu-se mal, e quando Vitória se sentia mal seu estômago doía, e quando seu estômago doía, sentia-se pior. Levantou-se da cama, seu pai assistia a um vídeo do Bolsonaro pelo celular no sofá da sala, Vitória caminhou por ele e foi como se um não notasse a presença do outro, foi até o armário e pegou um remédio

para aliviar a dor de estômago, cogitando se deveria tomar a cartela inteira dessa vez. Mas não, tomou apenas um e foi dormir. Ao adormecer, Vitória sonhou com Margaret Thatcher. Sim, a primeira ministra britânica, a deusa do neoliberalismo, Vitória a desprezava com todas as suas forças, considerava as atitudes da dama de ferro como insultos à humanidade, a única figura histórica que conseguia comparar a ela era Hitler, com a única diferença que Hitler era bem mais sincero em relação a seu ódio, e se Margaret não havia construído nenhum campo de concentração, Vitória não achava que o desemprego em massa existente na época em que ela governou a Inglaterra fosse muito diferente.

Durante sua formação não apenas como estudante mas como ser humano, Vitória foi pouco a pouco criando uma repulsa por todo o senso comum que jorravam em seus ouvidos todo santo dia, por todas as coisas que diziam e que ela via que não faziam sentido, uma dessas coisas a ideia de que o capitalismo funciona. Via que a crueldade do capitalismo poderia não ser tão reconhecível quanto a dos campos de concentração da segunda guerra, mas era tão mortal quanto, porém mascarada, mais fácil era culpar a vítima do sistema que o

próprio sistema. Porém, Vitória pouco a pouco foi percebendo que não podia expor o que concluía a qualquer pessoa, muitos a chamavam de nomes estranhos com intenções pejorativas como “esquerdista”, ou então diziam que ela defendia a vagabundagem, isso quando ela expressava que passar oito horas por dia fazendo algo que não se quer fazer apenas para não morrer de fome não era lá a coisa mais racional do mundo. E se no começo Vitória se sentia confusa em relação à agressividade que recebia das pessoas quando mostrava o que havia concluído durante a vida, com o tempo passou a sentir o mais puro nojo, dizia para si que não se trata de um jogo de futebol em que existem apenas dois times chamados Direita e Esquerda, que a coisa é muito mais complexa, mas como fazer essa penca de gente intolerante entender isso?

- Eu sou a favor da liberdade, não da libertinagem. – dizia o alcoólatra que era contra a legalização da maconha, levando Vitória a ranger os dentes e desejar entrar em coma e só acordar quando o povo a seu redor parasse de ser tão hipócrita e burro. E quando a chamavam de comunista, Vitória não entendia, pois não havia estudado nada sobre o comunismo, nunca havia lido Marx ou qualquer

outro socialista, não sabia o que qualquer desses ideais representava, chamavam-na assim simplesmente por ela querer fazer os outros entenderem que o sistema vigente no mundo não estava dando certo, que milhões de pessoas morriam de trabalhar para que uma pequena parcela colhesse os frutos, passando esses frutos para suas gerações futuras enquanto o resto da população continuava morrendo de trabalhar, e ainda assim queriam falar de mérito. Vitória só passou a entender vagamente a razão de chamarem-na de comunista quando conheceu Nara, estudante de História da faculdade pública, que já havia lido boa parte dos livros obrigatórios para qualquer comunista que se preze, que sonhava em um dia viajar até Cuba e ver com os próprios olhos se o cara cujo rosto estava estampado em sua camisa realmente havia feito a diferença. Só após conhecer Nara foi que Vitória percebeu que era de esquerda mesmo que não soubesse disso.

Quando Vitória passou a conhecer Nara melhor e assim pôde passar mais tempo com ela, acabou conhecendo a turminha do algodão doce, e dentre eles, Wilhelm, sujeito gordo e ridículo que Vitória nunca conseguiu levar a sério e que tinha certeza que teria zoado muito

com a cara dele se estivesse no ensino médio, não hesitando em esbofetear seu rosto quando o encontrou embriagado, atitude essa que agora pouco Vitória estava refletindo até dormir e sonhar com Margaret Thatcher. Após acordar, Vitória passou um bom tempo pensando a respeito das imagens que havia visto enquanto dormia, é óbvio que no momento em que essas imagens se sucediam Vitória não tinha ciência de que estava dormindo, tornando tudo ainda mais surreal simplesmente por parecer real. Os sonhos era um dos elementos que mais lhe era interessante na condição humana, pois todos sonham, todos sonharam, e sentia que quem não sonha ao dormir está perdendo uma grandiosa experiência. Queria realmente uma explicação concreta e científica para os sonhos, mas concluía que até o momento nenhuma descoberta havia sido muito palpável, assim como os próprios sonhos em si. Até porque, divagava Vitória, não sabemos inteiramente como o cérebro funciona, não nos entendemos completamente, não nos conhecemos completamente. Margaret Thatcher, Hitler, ou qualquer outro que tenha estado no poder, algum deles se conhecia completamente? Algum deles tinha

discernimento suficiente para dissecar não apenas a si próprio, mas a sociedade que tinha em mãos? Quem vigia os vigilantes? Perguntas que Vitória fazia não somente a si mas a qualquer um que ousasse responder, imaginando-se diante de uma plateia não muito disposta a ouvi-la, cadeiras enfileiradas e ocupadas por diversos senhores, via-os e clamava para que aqueles senhores a ouvissem, tentando dizê-los, Senhores, não conhecemos a verdade, e se chegamos a vê-la, nós a interpretamos errado. Os sonhos estão aí para provar isso, para nos mostrar que não sabemos o que está acontecendo, e que nossas crenças são mentiras que contamos a nós mesmos. Vitória tentava explicar que a razão de vivermos numa sociedade movida pelo ódio era porque o ódio é uma intensificação do medo e só tememos o que não conhecemos, e nós, a humanidade, ainda não conhecemos muita coisa. Por isso jamais levava a sério pessoas que aplaudem discursos de amor ao capitalismo, nem sabem do que estão falando quando fazem isso, na verdade são explorados sem saber. A tese final de Vitória era a de que nosso cérebro de réptil não evoluiu por completo, que futuramente a seleção natural fará seu trabalho, mesmo que